

## **A SORTE ESTÁ LANÇADA: UM BREVE ENSAIO SOBRE AS LEGIÕES ROMANAS E SUA RECONSTRUÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

### **The Die is Cast: a brief essay on Roman legions and their reconstruction on basic education**

Prof. Dr. Marcio Felipe Almeida da Silva (*Translatio Studii-UFF*)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5246-3520>  
E-mail: [marcio.castela@gmail.com](mailto:marcio.castela@gmail.com)

Recebido em: 08/02/2021  
Aprovado em: 09/05/2021

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo principal a apresentação de um projeto lúdico, realizado no ano de 2019, sobre as formações de batalha utilizadas pelo exército romano. A tarefa que será apresentada neste texto foi desenvolvida com alunos do 6º ano de uma escola privada na Baixada Fluminense. Utilizando recursos próprios, os alunos construíram escudos semelhantes aqueles que imaginamos que os romanos tenham utilizado e, através da condução do professor, realizaram uma simulação da estratégia militar conhecida como “formação tartaruga”. Além de apresentar a tarefa realizada com os alunos da Educação Básica, buscaremos, nesse trabalho, discutir sobre alguns aspectos importantes para justificar o sucesso militar da legião romana durante a Antiguidade.

**Palavras-chave:** Antiguidade; Educação; Roma Antiga.

**Abstract:** This article has as main objective the presentation of a playful project, carried out in 2019, on the battle formations used by the Roman army. The task that will be presented in this text was developed with 6th grade students from a private school in Baixada Fluminense. Using their own resources, the students built shields similar to those that we imagine the Romans used and, through the guidance of the teacher, carried out a simulation of the military strategy known as "turtle formation". In addition to presenting the task performed with Basic Education students, we will seek, in this work, to discuss some important aspects to justify the military success of the Roman legion during Antiquity.

**Keywords:** Antiquity; Education; Ancient Rome.

## 1. INTRODUÇÃO

Poucas vezes na história houve um império tão vasto quanto aquele formado pelos romanos ao longo dos primeiros séculos da Era Cristã. Em seu apogeu, durante o reinado de Trajano (98-117 d.C), o Império Romano se estendia da Escócia ao sul da atual Rússia, englobando também importantes regiões ao norte da África, como o Egito e a costa do Marrocos. Desde o século II a.C, a rápida expansão dos romanos fascinou escritores como Políbio, que se mostrava interessado em saber como os romanos, em tão pouco tempo haviam subjugado uma série de povos em seu domínio. É bem verdade que a expansão de Roma não era desordenada, pois o alvo das conquistas eram geralmente reinos ou cidades-Estado, cuja extração de matéria-prima e a cobrança de tributos interessavam aos romanos. Afinal, a guerra para as civilizações do mundo antigo era evento extremamente lucrativo e os ataques periódicos além das fronteiras garantiam a pilhagem das cidades inimigas e o abastecimento regular de escravos. Quando pensamos no sucesso da expansão romana, é bom que se tenha em mente que o seu rápido avanço não foi o resultado dos anseios de uma liderança fabulosa (tal como exerceram personagens como Alexandre e Aníbal), mas sim o triunfo de toda uma organização militar sem precedentes, que foi capaz de levar a guerra de forma eficiente para além de suas fronteiras. Segundo as análises de Doyne Dawson, estamos ante a sociedade com “o índice mais alto de participação militar que se conhece em qualquer sociedade pré-industrial, com exceção da Prússia, sob Frederico, o Grande, e da França, sob Napoleão” (DOWSON, 1999: p.196”).

Nos livros didáticos, a história de Roma é apresentada de maneira breve. Os primeiros capítulos geralmente destacam o enfrentamento entre patrícios e plebeus durante o período da monarquia. Em seguida, apresenta-se a República Romana, dando mais ênfase às disputas políticas entre os triunviratos do que ao expansionismo realizado após as Guerras Púnicas. Por fim, os últimos capítulos costumam apresentar uma coletânea confusa de assuntos que sintetizam parte da arte, da cultura e da religião romana em poucas páginas, ou então, uma curta trajetória da fase imperial, entre o reinado de Otávio Augusto e a invasão dos povos bárbaros. Esse currículo escolar, um tanto acelerado, acaba minimizando o papel do exército na história dos povos romanos. Contudo, estima-se que no primeiro século da Era Cristã, quando a população de Roma contava com aproximadamente 50 milhões de pessoas, o exército era formado por pelo

menos 390 mil homens, entre legionários, cavaleiros e infantaria auxiliar (FUNARI, 2019:p.103). Também não podemos esquecer que Roma foi controlada por uma oligarquia militar, cuja posição social era adquirida mais pela atuação no exército do que pela riqueza ou pelo nascimento. Ainda que uma eleição fosse a principal forma de garantir a entrada de um cidadão romano no senado, o pleno desempenho das funções políticas exigiam dele um certo conhecimento dos assuntos ligados à guerra. O já citado Doyne Dawson destacou que: “O feito mais alto de um cônsul era ser premiado com um ‘trunfo’, uma parada de vitória por toda Roma com a exibição de seus cativos e produtos de pilhagem” (DOWSON, 1999: p.195)”. Sendo assim, as incursões periódicas na fronteira, a captura de escravos e a coleta de tributos, resultante da constante pressão militar exercida pelos romanos, eram também uma forma de legitimar o poder e a autoridade de um líder sobre o corpo de cidadãos.

Por conta dessa abordagem superficial que os livros didáticos fazem do mundo romano, atividades lúdicas e criativas, como as batalhas campais, são cada vez mais necessárias para quebrar a rotina da sala de aula e estimular os alunos a participar da construção do conhecimento. Em geral, o público alvo das nossas aulas são crianças e adolescentes ansiosos e inquietos por conta de toda a tecnologia a qual foram submetidos. O insucesso das aulas de História está, muitas vezes, relacionado à aplicação de metodologias repetitivas, como a utilização de aulas expositivas. Ainda que sejam necessárias em algumas ocasiões, aulas expositivas precisam estar mescladas a outras atividades que permitam que o aluno aprenda de uma forma mais descontraída. Tornar as aulas de história mais agradáveis é o principal desafio do professor do século XXI. Visando a contribuir para o ensino da história de Roma na Educação Básica, realizamos, no ano de 2019, um trabalho de reconstrução das formações de batalha utilizada pela legião romana. Essa tarefa foi desenvolvida com os alunos do 6º ano de uma escola privada da Baixada Fluminense e os resultados apresentaremos em seguida.

## 2. HÓPLITAS VS LEGIONÁRIOS

Por volta de 47 a.C., o famoso cônsul romano Júlio César marchou para o Reino do Ponto (na Atual Turquia) e com três legiões ele venceu a Batalha de Zela. De acordo com o historiador Plutarco, César destruiu todo o exército inimigo com suas legiões e

para fazer notar a rapidez de sua vitória ele escreveu ao senado romano a seguinte frase: “Vim, vi, venci” (PLUTARCO, 2005: p.113). O triunfo das legiões de César também foi relato em um livro de sua própria autoria, *o De Bello Gallico*, onde o cônsul registrou suas vitórias que se desenrolaram entre os anos de 58 e 52 a.C, nas terras da Gália. Nesse importante documento histórico, as legiões de César, dispostas em três linhas, avançam sobre os germanos e, mesmo em menor número, conseguem afugentar os inimigos (CÉSAR,?: p.38).

É inevitável não se questionar quais foram os motivos que levaram ao sucesso da legião romana quando realizamos uma leitura prévia das fontes que destacaram seu avanço além das fronteiras. Acreditamos que se pudéssemos listar os acontecimentos que favoreceram a formação da legião romana, começaríamos destacando as derrotas nas batalhas de Heracleia (280 a.C.) e de Ásculo (279 a.C), quando as tropas romanas foram ineficazes em impedir o avanço dos hoplitas liderados por Pirro, rei de Épiro. Certamente, os constantes enfrentamentos entre gregos e romanos favoreceram o surgimento da legião, já que ela foi uma adaptação da falange grega. Segundo Dawson, os romanos sacrificaram a profundidade e a coesão da falange para favorecer a mobilidade, dividindo seus soldados em pequenas unidades capazes de realizarem manobras independentes (DOWSON, 1999: p.192). Mais flexível do que os hoplitas gregos, as legiões eram equipadas com armamentos que tiveram origem através de uma longa evolução tática dos equipamentos utilizados pelos povos que enfrentaram os romanos. Pierre Grimal chegou a sugerir que o tipo de espada utilizada pelos legionários era oriundo da Espanha, o *pilum* era sâmnita e o escudo uma réplica dos gregos (GRIMAL, 1988: p.119).

Outra transformação que teve um impacto positivo para o sucesso da legião romana foram as reformas do general Mário, em 111 a.C, que garantiram a profissionalização do exército romano. Antes desse período, o exército tinha um caráter temporário, sendo reunido para a realização dos combates geralmente durante o verão e tendo suas fileiras compostas apenas pelos cidadãos que possuíam terras. Durante seu governo, o general Mário modificou profundamente a estrutura das tropas romanas. O Estado passou a oferecer um soldo regular para os combatentes e a fornecer o equipamento necessário para a batalha. Para aumentar o efetivo militar, Mário também permitiu o engajamento voluntário no exército, facilitando a participação de

camponeses na frente de batalha. Embora as campanhas militares estivessem se tornando cada vez mais longas e mais distantes da região do Lácio, os escalões mais baixos da população romana sentiam-se tentados em fazer parte do exército pelo desejo de aventurar-se em terras estrangeiras e pela oportunidade de enriquecimento através dos espólios de guerra.

A transformação de um exército elitista em uma tropa profissional com a entrada de camponeses em suas fileiras pode até, em um primeiro momento, parecer desordenada. Contudo, ao deixar o serviço militar mais acessível às classes populares, o general Mário fez da infantaria romana a base de todo um sistema militar que seria responsável pela expansão da fronteira para muito além dos limites tradicionais na Península Itálica. Após o governo de Mário, a legião romana se torna uma peça fundamental para o sucesso de toda a estrutura política e militar da República, mas principalmente do Império em seus tempos de glória. Representados por uma águia, seja de prata ou de ouro, a legião era o resultado de um sistema tático que havia ultrapassado a falange grega. Enquanto os hoplitas, com seu pesado equipamento de bronze, agrupavam seus melhores soldados na vanguarda e, na maioria das vezes, mantinham uma posição fixa que encurralava seus guerreiros menos experientes no centro da formação, a legião romana era distribuída de maneira flexível pelo terreno e realizava constantemente uma rotação entre os guerreiros que ocupavam a linha de frente. O sucesso dessa formação dependia de uma disciplina rigorosa e um excelente aparelhamento, como bem destacou Arther Ferril: “não havia lugar para fracos em uma legião romana” (FERRILL, 1986: p.31).

### 3. A LEGIÃO ROMANA

No início do primeiro século da Era Cristã, o poeta Virgílio procurou elevar a glória dos romanos através de seus versos. Em sua principal obra, a *Eneida*, o poeta escreveu uma de suas mais conhecidas exaltações: “tu, romano, lembra-te de governar os povos sob teu império. [...] poupar os vencidos e dominar os soberbos” (VIRGÍLIO, 1983: p.137). Virgílio rascunhou seus versos durante o governo do imperador Otávio Augusto, que sabia a importância estratégica das legiões romanas e, por isso, criou a guarda pretoriana para garantir a segurança pessoal do imperador e das zonas urbanas,

liberando as legiões para a atuação direta nas fronteiras. No fim do reinado de Augusto, havia vinte e cinco legiões romanas espalhadas pelas fronteiras. Segundo Pierre Grimal, essas legiões estavam dispostas entre a Germânia, Espanha, Numídia, Egito, Síria, Panônia, Dalmácia e Mésia (GRIMAL, 1988: p.131). O número de legiões chegou a ser maior nos tempos de Augusto, mas a desastrosa derrota do general Públio Quintílio Varo na floresta de Teutoburgo custou ao imperador a vida de três legiões inteiras. Em *A vida dos doze césores*, Suetônio afirmou que a lembrança da derrota em Teutoburgo, no ano 9 d.C, era sempre um momento de luto e tristeza para o imperador. Contava-se que Otávio Augusto deixara crescer a barba e o cabelo durante vários meses e com frequência, batia a cabeça contra uma porta e repetia a seguinte frase: “Quintílio Varo, devolve-me as minhas legiões!” (SUETÔNIO, 1995: p.60).

O desespero de Otávio Augusto, descrito no texto de Suetônio, leva-nos a questionar qual teria sido o impacto da perda de três legiões para um império tão poderoso quanto o romano. Se levarmos em consideração os cálculos feitos por Martin Goodman, os romanos possuíam, no século I, um exército composto por cerca de 30 legiões que contavam com aproximadamente 5 mil homens cada uma. Sendo assim, a derrota de Quintílio Varo teria sido responsável pela redução do poderio militar das legiões em cerca de 10%, o que, em termos estratégicos, poderia explicar a preocupação do imperador.

Mesmo com o êxito dos germanos frente ao exército de Roma em Teutoburgo, as legiões ainda foram capazes de assegurar a defesa do império por mais alguns séculos. Estacionadas na fronteira, as legiões formavam uma espécie de barreira móvel cujo objetivo era tentar impedir o acesso de invasores nas regiões dominadas por Roma. Em *A queda do Império Romano*, Arther Ferrill destacou que era o exército e não as muralhas que garantiam a defesa da fronteira. Afinal, ainda que as fortificações pudessem abrigar os soldados, elas sozinhas não seriam suficientes para deter adversários decididos a penetrar no Império (FERRILL, 1986: p.30). Sendo assim, os romanos baseavam sua defesa na superioridade tática das legiões que atuavam como um corpo homogêneo. Cada legião era formada por cerca de 3 mil infantess, 1200 homens de assalto e 300 cavaleiros (FUNARI, 2019: p.98). Ainda que tivessem o apoio de forças auxiliares, compostas por guerreiros de diversos povos colocados sob o domínio romano, o sucesso de legião estava na sua organização e no seu método de combate.

Segundo Pedro Paulo Funari, os romanos desenvolveram técnicas militares elaboradas que tornavam o seu exército “uma força muito superior aos outros tipos de armadas da Antiguidade” (FUNARI, 2019: p.97).

#### 4. OS LEGIONÁRIOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Em *A História Repensada*, Keith Jenkins afirmou que nenhum historiador consegue recuperar a totalidade dos acontecimentos passados ou reconstruí-los tal como era (JENKINS, 2001: p.31-32). Isso parece evidente para os historiadores, que estão acostumados a lidar com todos os problemas levantados pela documentação. Entretanto, no espaço escolar, os alunos têm poucas oportunidades para experimentar oficinas de pesquisa ou mesmo atividades de reconstrução histórica que colaborem para entender parte do cotidiano dos homens e mulheres que viveram na antiguidade. Muitas vezes a exaustiva rotina de exercícios e leituras transforma as aulas de história em algo engessado, destinado a priorizar a memorização de datas marcantes e nomes de pessoas importantes. Esse ensino de história oferecido “sem emoção” não consegue, na maioria das vezes, competir com os jogos épicos que são tão cativantes para os alunos. Em alguns casos, são os próprios professores que, adotando uma postura um tanto conservadora, minimizam os benefícios que o universo mítico dos *games* e dos filmes poderiam trazer para o processo de ensino-aprendizagem. Incluir em nossas aulas parte do imaginário dos *games* e dos filmes, repletos de fantasia e personagens vibrantes, pode ser uma ferramenta interessante para dar vida ao conteúdo apresentado nos livros didáticos.

No último trimestre de 2019, enquanto ensinávamos para o 6º ano um pouco da história do Império Romano, notamos que a turma se apresentava para as aulas um tanto desmotivada. Nesse colégio, localizado na Baixada Fluminense, nossos encontros aconteciam sempre às sextas-feiras após as aulas de Educação Física. Apesar do professor de Educação Física seguir rigorosamente um planejamento de aulas que se dividia entre aquecimento, desenvolvimento e “volta à calma”, notamos que os alunos ainda se apresentavam para as aulas de História um tanto agitados, o que é natural após o término da prática esportiva. Aliado a isso, um material didático exaustivo, um conteúdo alheio à realidade dos alunos e a imaturidade comum para essa idade,



contribuíam para a crescente desmotivação dos discentes em relação à aprendizagem da história do Império Romano. Visando a modificar essa situação, resolvemos utilizar uma abordagem lúdica e que valorizasse o universo dos *games* ou filmes tão apreciados pelos jovens. Para compor a nota de avaliação do 4º bimestre, solicitamos que os alunos confeccionassem um escudo retangular semelhante ao que pode ser visto no filme *Gladiador* (2000) ou no jogo *Rise: son of Rome*. Esse aparato deveria possuir as dimensões de 1 metro de comprimento por 50 cm de largura. Necessariamente, o escudo deveria ser feito de papelão e tingido ou encapado com a cor vermelha, que entre os romanos representava Marte, o deus da Guerra.

O estabelecimento de um tamanho padrão para os escudos, além de respeitar a média de altura dos alunos, era necessário para realizamos uma simulação da formação tartaruga, a famosa tática defensiva utilizada pelas legiões romanas na defesa das fronteiras. Junto com a confecção dos escudos e a participação nas aulas teóricas, a organização da formação tartaruga no pátio da escola fazia parte da avaliação do 4º bimestre para a disciplina de História. Contudo, por se tratar de uma proposta que estava relacionada ao movimento e a cultura corporal julgamos importante convidar a professora de Educação Física, Roseane Lopes, para participar da atividade. Orientada pela BNCC, a professora Roseane procurou explorar, em suas aulas, as especificidades de esportes que são praticados através de combinações de ataque e defesa, a exemplo da esgrima. Destacando o respeito que deve existir entre os participantes de qualquer modalidade esportiva, a professora de Educação Física buscou auxiliar o desenvolvimento da cooperação e da interação entre os alunos do 6º ano.

No dia da apresentação, no pátio da escola, notamos que os escudos haviam sido confeccionados com muito capricho. Ainda que a decoração dos escudos não tenha sido apresentada como um dos critérios de avaliação os alunos, por conta própria, sentiram-se motivados para realizar um trabalho de pesquisa e decorar os escudos da maneira mais parecida com aquela que imaginamos que tenha sido utilizada pelo exército. Toda essa dedicação prova que atividades lúdicas e diferenciadas colaboram para estimular a participação dos alunos e despertar seu interesse para as aulas de história. A construção dos escudos de papelão atraiu a atenção dos estudantes para o conteúdo abordado pelo professor e favoreceu o diálogo com ícones modernos que podem ser vistos nos meios televisivos. Além disso, a posterior execução da formação tartaruga possibilitou uma



agradável quebra de rotina, à medida em que rompeu temporariamente com a sequência de aulas expositivas e a dependência dos livros didáticos. Afinal, como bem destacou Nei Nordin (2013: p.186-187), recomenda-se que o professor tome cuidado para não desenvolver uma relação de dependência com os livros. Pois, ainda que existam materiais didáticos de qualidade, eles raramente auxiliam no desenvolvimento de atividades lúdicas. Esta rápida observação que fazemos aqui não tem por finalidade desqualificar a utilização dos livros didáticos, mas sim fundir todo o conteúdo oferecido pelos livros com atividades diferenciadas com o objetivo de despertar o interesse dos alunos que, tratando-se do 6º ano, são crianças que procuram nas aulas de história explicações sobre o contexto dos jogos ou dos filmes que costumam assistir. Ao invés de repelir as observações trazidas pelos alunos, nós podemos direcionar seu olhar para enxergar nestas atividades de entretenimento elementos importantes para pensar como poderia ter sido o cotidiano das pessoas que viveram durante a Antiguidade.

Voltando para a execução da atividade com o 6º ano, optamos por solicitar como tarefa somente a confecção de escudos. Pois, levando em consideração sua imaturidade e seu excesso de energia julgamos que a construção de qualquer outro aparato ofensivo poderia nos desviar da finalidade da atividade. Sendo assim, não foi exigida a construção de espadas, lanças ou machados, justamente para evitar qualquer tipo de incidente que pudesse prejudicar o bom andamento da tarefa. Para quebrar a rotina da sala de aula e despertar o interesse de outras turmas para o conhecimento histórico, também optamos por realizar a atividade em espaço aberto. Naturalmente, os escudos utilizados pelo 6º chamaram a atenção dos demais alunos e foi preciso demarcar o espaço que seria ocupado apenas pelos participantes. Utilizando cones e fitas para demarcar o chão, solicitamos que apenas os alunos que faziam parte da turma ocupassem aquela área. Os demais alunos foram convidados para assistir e para fotografar, caso estivessem em tempo vago ou fossem conduzidos pelo seu professor para o pátio escolar.

Após uma breve explanação sobre a importância do exército romano para o alargamento das fronteiras e sobre as estratégias de batalha dos legionários, os alunos foram colocados cuidadosamente em fileiras e convidados a se deslocarem com os escudos levantados de maneira que formassem um único bloco defensivo. No início, houve uma grande dificuldade para manter um passo sincronizado e fazer silêncio para

ouvir os comandos executados pelo apito que estava sendo utilizado pelo professor. Embora esta dificuldade inicial tenha provocado uma situação divertida, ela serviu para destacar a importância do trabalho em equipe e da atenção que deve ser dada ao professor durante sua explicação. Sanadas as dificuldades iniciais os alunos conseguiram executar um deslocamento uniforme com os escudos levantados, e assim passamos para uma nova etapa da atividade.

Formando novamente um bloco defensivo, os alunos do 6º ano tiveram que manter a formação enquanto bolinhas e flutuadores de piscina, ambos leves e macios, eram arremessados sobre o grupo. Novamente, para evitar qualquer tipo de incidente apenas os professores de História e de Educação Física fizeram o lançamento do material, pois os dois utilizaram força adequada para o arremesso e miraram apenas nos escudos. As bolinhas e os flutuadores serviram como uma forma de simular as flechas e lanças que eram lançadas sobre as tropas romanas durante um ataque. Nesta segunda etapa da atividade, os alunos tiveram mais dificuldade para manter a formação. Logo, foi preciso se comunicar com maior frequência e deslocar levemente os escudos para proteger as áreas que apresentavam maior fragilidade. Terminada a atividade, os discentes foram conduzidos para a sala de aula, onde foram convidados a refletir sobre o papel dos legionários na história de Roma e as dificuldades que eles enfrentavam durante as operações militares. Para ajudar a fixar o conteúdo, solicitamos a elaboração de um breve relatório no caderno sobre todas as etapas da tarefa realizada, desde a confecção dos escudos até a simulação da formação tartaruga.

## **5. CONCLUSÃO**

Recentemente, o Grupo de Trabalho em História Antiga da ANPUH publicou uma nota respondendo a um questionamento feito durante uma mesa redonda no Encontro Estadual de História da ANPUH/PR, no mês de novembro de 2020. Nesta ocasião, ao que tudo indica, um dos ouvintes alegou que o ensino de História Antiga não interessava às crianças brasileiras e que sua presença no currículo nacional era um absurdo. A referida nota reforçou que a atuação do Império Romano não esteve restrita à Itália ou mesmo à Europa e que suas consequências históricas não se limitaram apenas às sociedades que, séculos depois, seriam os estados nacionais europeus. Além disso,

destacou que a História Antiga ensinada em nosso país contribuiu para a “compreensão de nosso lugar no mundo, que não existe em função do Brasil, mas no qual o Brasil é um agente fundamental”<sup>1</sup>. São questionamentos equivocados como esses que comprovam que ações diferenciadas para ensinar História Antiga são cada vez mais necessárias na educação básica. Algumas intervenções lúdicas, como a simulação da formação tartaruga descrita nesse artigo, podem ajudar a fortalecer os vínculos entre as pesquisas acadêmicas e a comunidade escolar, potencializando as contribuições da História Antiga para a educação em nosso país.

Realizando essa tarefa com os alunos do 6º ano, procuramos auxiliá-los no desenvolvimento de uma leitura consciente da realidade social. Seja durante o processo de construção dos escudos ou no momento da simulação da formação militar romana, os alunos estiveram mais atentos às informações passadas pelo professor nas aulas expositivas, o que facilitou seu entendimento sobre as contribuições da sociedade romana para o mundo atual. Embora sejam muito jovens, eles notaram que nossa linguagem, nosso calendário e uma parte considerável do cristianismo sofreu grande influência dos povos romanos. Após a execução da tarefa, os alunos apresentaram-se com maior disposição para aprender sobre a oficialização do Cristianismo, nos tempos de Teodósio, e sobre as causas que facilitaram o fim do império, em 476 d.C. Paralelamente a isso, o desenvolvimento desse trabalho deu um novo fôlego para uma turma que já apresentava um cansaço e uma desmotivação natural quando se aproxima o fim do ano letivo.

Por último, gostaríamos de destacar que esta singela batalha campal, se é que podemos classificá-la assim, foi um projeto de aprendizagem conduzido pelo professor, concedendo um espaço adequado tanto para as atividades lúdicas, que fortalecem o trabalho em equipe, como para as aulas expositivas, em que os livros didáticos foram submetidos a uma profunda reflexão. A grande característica desse trabalho foi a de retirar o aluno da posição de objeto a ser moldado para colocá-lo como integrante do processo de ensino-aprendizagem, juntamente com o professor. Afinal, sabemos que “a memória costuma adquirir vínculos maiores com aqueles conhecimentos que foram preparados e pensados pelo próprio aluno” (NORDIN, 2013. p.183).

## **ANEXO**



Fotografias retiradas no momento da execução da atividade.

**Acervo pessoal**

## BIBLIOGRAFIA

- CÉSAR, Júlio. **Comentários sobre a Guerra Gálica (De Bello Gallico)**. Ediouro, ?.
- DOWSON, Doyne. **As Origens da Guerra no Ocidente**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.
- FERRILL, Arther. **A Queda do Império Romano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. São Paulo: Ed. Contexto, 2019.
- GRIMAL, Pierre. **A Civilização Romana**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- JENKINS, Keith. **A História Repensada**. São Paulo: Contexto, 2001.
- KULIKOWSKI, Michael. **Guerras Góticas de Roma**. São Paulo: Madras, 2008.
- MAGALHÃES, J.B. **Estudo Histórico Sobre a Guerra Antiga**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2006.
- MENDES, Norma Musco. **Sistema Político do Império Romano do Ocidente: um modelo de colapso**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- NORDIN, Nei. O ensino da Idade Média: questões práticas e realidade na sala de aula. *In*: TEIXEIRA, Igor Salomão e ALMEIDA, Cybele Crossetti (org.). **Reflexões sobre o medievo III**. São Leopoldo: Oikos, 2013.
- PLUTARCO. **Alexandre e César: Vidas Comparadas**. Editora Escala, 2005.
- SUETÔNIO. **A Vida dos Doze Césares**. Ediouro, 1995.
- VIRGÍLIO. **Eneida**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

## Notas

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.gtantiga.com/post/nota-sobre-o-ensino-de-hist%C3%B3ria-antiga-no-brasil-em-virtude-de-manifesta%C3%A7%C3%B5es-recentes>. Acesso em: 15/01/2012.